

NOTA SOBRE UMA VERSÃO DESPREZADA DO MITO DE ÉDIPO

Ordep J. Trindade-Serra
Professor Assistente do Deptº de
Antropologia da Faculdade de Filosofia
e Ciência Humanas da UFBA

RESUMC

O autor examina o relato da história de Édipo que se encontra em Paus. (IX, 26, 2-3) e sustenta que embora esta versão do célebre mito seja de um modo geral desdenhada pelos estudiosos tem de fato grande valor e é digna de interesse pelo seu conteúdo. Passa à demonstração de que ela se pode conectar de um ponto de vista estrutural com as versões mais conhecidas (as trágicas) do mito em questão e também com suas variantes modernas coletadas por Bernhart Schimidt em suas pesquisas do folclore da Grécia contemporânea. Por fim, o autor busca evidenciar a correspondência simbólica de elementos recorrentes em versões distintas do mito de Édipo e a importância e adverti-la para o êxito da análise do mesmo.

Unlversltas. Cultura. Salvador (37): 53-62, jul / set. 1986

Na maioria das versões do mito de Édipo, conta-se que a Esfinge se lança ao abismo quando seu enigma é decifrado; assim em Apoll. III, 5, 8, 7; Diod. IV, 64; Schol. **Phoen.** 50; Schol. **Phoen.** 1505; Arg. Byz. **Sept**; Hygin. **Fab.** 67. É verdade que no **Oed. Rex** 1198-201¹ canta o coro: "ó Zeus, ele destruiu (**phísas**) a donzela de garras cortantes, a adivinha; e contra a morte, na minha cidade, ergueu-se como um baluarte. "Mas foi, subentende-se, ao decifrar o enigma que Édipo operou esta destruição," apenas chegando à cidade de Cadmo", cidade que assim "libertou do pesado tributo pago à terrível cantora", como o sacerdote lembra no início da citada tragédia (vv. 35 sq.). Não há aí menção de um combate entre o herói e o monstro. Também na discussão com Tirésias, *ibidem*, Édipo gaba-se (vv. 396-9) de ter fechado a boca da Esfinge **gnóme kyrésas**, "pelo acerto da inteligência"... Do mesmo modo, na tragédia eurípideana **As Fenícias**, 1505-7, está dito que Édipo matou a Esfinge **tendo compreendido** "o canto de difícil compreensão".

Testemunhos do combate mítico e da morte da Esfinge **pela força das armas** de Édipo existem, porém, na **iconografia**². Na poesia, o tema nunca é tratado: não há um único relato de uma luta física entre o filho de Laio e a sinistra assoladora de Tebas. Tal combate parece implicado em algumas passagens, mas o que predomina é a referência à vitória intelectual do herói. Quando a consequência desta se explicita, o que se refere é o suicídio do monstro, como nos testemunhos citados acima. Justificadamente Delcourt evoca, a propósito, o motivo mítico do suicídio das sereias, com quem a Esfinge tem muito em comum: antes de mais nada, é como elas uma **encantadora**, um demônio feminino que enfeitiça pela voz, ao **cantar** o enigma paralisando e aniquilando sempre personagens masculinos...

Delcourt também reuniu representações plásticas onde a Esfinge é figurada atacando suas vítimas; as cenas têm um notável colorido erótico, segundo muito bem observa a mitóloga. O mesmo colorido impregna, de um modo geral, a mitologia das sereias.

Mas tomando ao confronto entre Édipo e a Esfinge, temos em Pausânias IX, 26, 2-3 a seguinte história, que discrepa de todas as demais versões do mito:

"Lá se encontra a montanha donde, ao que se conta, a Esfinge descia rompante, cantando seu enigma, para

a desgraça dos que tentavam dominá-la. Dizem alguns que ela se tinha feito ao mar perto de Antedon com barcos aprestados para entregar-se à pirataria e que, ocupando esta montanha, aí desfrutava de suas rapinas, até que Édipo veio derrotá-la e levá-la presa, com ajuda de uma tropa que ele trouxera de Corinto. Também se conta que ela era filha natural de Laio e que este, por tê-la como predileta, tinha-lhe revelado o oráculo dado em Delfos a Cadmo: um oráculo que só os reis conheciam e ninguém mais. Quando alguém se dirigia à Esfinge como pretendente ao reino (pois Laio tinha filhos bastardos e os oráculos délficos concerniam apenas a Epicasta e aos filhos que dela nascessem) a Esfinge fazia um jogo com seus irmãos, dizendo-lhes que eles deviam de conhecer o oráculo, pois eram filhos de Laio. Como eles não lhe podiam responder, eram punidos de morte, por sua pretensão infundada a uma família e um reino. Édipo, pelo contrário, abordou a Esfinge depois que um sonho lhe revelou o oráculo."

M. Delcourt vê aqui uma "história bizarra", possivelmente o resumo de "um romance medíocre e absurdo", além de uma "invenção tardia" como Carl Robert a qualificara³. Esta versão do mito de Édipo tem sido aliás muito desconsiderada pelos estudiosos, de um modo geral. Mas a nosso ver ela é valiosa e merece ser considerada atentamente.

Notemos desde logo que existe uma certa simetria entre esta e as versões mais conhecidas do mito de Édipo, nas quais, conforme lembramos há pouco, fala-se da morte da Esfinge vencida por Édipo, mas não se trata da luta entre eles: a narrativa de Pausânias, ao contrário, reporta o combate entre o herói e a rapinadora, porém não refere explicitamente a morte desta. Aqui, o que está expresso é que Édipo subjuga a Esfinge, que a derrota e prende... o fato de que ela apareça antropomorfizada não constitui, a nosso ver, prova de que estamos a braços com uma fabricação romanesca, nem de que a história se tenha forjado à parte do núcleo originário da mitopéia.

Em um dos escólios ao verso 1760 de "As Fenícias" de Eurípedes, escólio conservado no ms. Monacensis 560, o qual faz referência explícita à Edípodia, fala-se também a propósito da Esfinge que, de acordo com uma tradição não precisada, "ela não era um monstro, como julga a maioria, mas uma adivinha que cantava oráculos e propunha enigmas aos tebanos, dos quais

multos fez perecer por tomarem em sentido contrário seus vaticínios”...

Carl Robert, tentando reconstituir para além da notícia de Pausânias a versão do mito a que a mesma corresponde, conjectura que nesse contexto a Esfinge deveria então (no período imediatamente anterior ao advento de Édipo, a sua chegada de Corinto) ter o governo de Tebas. Neste caso, notemos, ela o teria graças ao capricho de Laio, sucedendo-o de forma irregular, pois era bastarda como os seus irmãos derrotados... **e, enquanto mulher, menos qualificada que eles para o exercício do poder.** Tal capricho, tal predilação de Laio, acha-se acusado no relato de Pausânias ora em exame, onde a Esfinge detém a posse do segredo real por uma deferência paterna, que a coloca em posição de **superioridade** com relação a seus irmãos. Não diríamos incorretamente que no texto do periegeta **a Esfinge é uma princesa a qual detém o poder em Tebas.** Mas aí ela desde logo se caracteriza também **como uma mulher que se sobrepõe a homens,** que os subjuga, que os prende e mata em seguida a um desafio por ela vencido, o desafio enigmático da questão sobre o oráculo. Nesta medida, já está assinalada por uma **monstruosidade** cifrada na **inversão** que realiza...

M. Delcourt, com inexecedível perspicácia, evidenciou a constância da inversão como traço característico da mitologia da Esfinge, um elemento que se traduz, inclusive, em termos eróticos, nas imagens dessa figura monstruosa que arrebatava os homens: disto aduziu testemunhos inquestionáveis da iconografia, brilhantemente interpretados. Também não cabe dúvida quanto ao acerto da referida estudiosa ao qualificar a Esfinge como uma **incuba** (e justifica-se o neologismo latino...) pois esta é mostrada **deitando-se sobre** os homens dominados.

Atentemos ainda para o fato de que na história de Pausânias a Esfinge se precipita **do alto** (de uma montanha) sobre suas vítimas, ou as assalta **no mar.** Estas circunstâncias a aproximam **das harpias e das sereias...** uma aproximação que Delcourt também demonstrou ser mais que justificada no horizonte da mitologia grega. No que concerne ao paralelo com as sereias, notemos que no relato em exame a Esfinge **canta seu enigma...**

No dito relato ela tem, ademais, a característica de uma verdadeira calamidade, embora no caso assole através da guerra: seus atos de pirataria e banditismo a fazem uma carniceira como

Universitas. Cultura. Salvador (37): 53—62, jul./ set. 1986

a "cadela rapsoda" do drama de Sófocles (cf. Oed. Rex 391), digna também do epíteto de **harpaxáandra** (arreatadora de va-rões) que lhe dá Ésquilo (Sept. 777). Aliás, no epíteto, um termo composto, a raiz **harp-** é a mesma que forma o nome **harpýia**. A rigor, a Esfinge princesa promove um desgoverno...

Uma situação em que o feminino se sobrepõe ao masculino — e justo em matéria de poder — no pensamento antigo, do mundo clássico, constitui desordem, caos social, um estado em que a sociedade se acha **corrompida** em sua organização, principalmente tendo-se em vista que tal predomínio do feminino acarreta, no caso, uma destruição dos homens **por violência equivalente à peste...**

A propósito de tal equivalência, recordemos a lamentação do coro na sua primeira intervenção no **Rei Édipo** (198 sq.), quando diz, referindo-se ao surto da epidemia devastadora, que **Ares brutal, ora sem o escudo bronzíneo, envolto em clamor imenso me consome** (isto é, consome a cidade). Ares, que simboliza a guerra, aqui representa a **peste...** que "traduz" o incesto, motivo e signo da caotização do microcosmo político.

Não é descabida, pois, a representação da Esfinge devastadora como uma guerreira, conforme sucede no relato de Pausânias... Ela promove aí uma desordem e devastação na **pólis** tal que bem se poderia dizer: "há algo de pobre no reino..." de Tebas. Peste, guerra, **dysnomía**, devastação, podridão (cara às harpias), incesto são signos que se equivalem no contexto da legenda tebana; signos que o da Esfinge evoca... Por isso caberia dizer a que a Esfinge a rigor não se ausenta da história trágica quando Édipo vitorioso desposa a mãe e atrai a mortandade sobre o país.

Quanto ao confronto entre Édipo e a Esfinge e suas consequências, ora vale lembrar o que diz Levi-Strauss:

"Como o enigma resolvido, o incesto aproxima termos destinados a permanecerem separados: o filho se une à mãe, o irmão à irmã, como faz a resposta ao conseguir, contra toda a expectativa, reunir-se a sua pergunta. Na lenda de Édipo, o casamento com Jocasta não se segue, pois, arbitrariamente à vitória sobre a Esfinge. Não só os mitos de tipo edipiano (...) assimilam sempre a descoberta do incesto à solução de um enigma vivo personificado pelo herói, em planos e em linguagens diferentes, mas também seus diversos episódios se repetem; e eles fornecem a

mesma demonstração encontrada nos velhos mitos do Graal sob a forma inversa: a união audaciosa de palavras mascaradas, ou de consanguíneos dissimulados, gera o apodrecimento e a fermentação — lembremo-nos da peste tebana —, da mesma forma que a impotência em matéria sexual (assim como em estabelecer um diálogo proposto) faz extinguir-se a fecundidade animal e vegetal”.

Mas voltando à narrativa de Pausânias, notemos que nesta **a Esfinge é consanguínea de Édipo** e detém, senão o trono, o segredo que constitui **via de acesso à realeza** (via franqueada ao herói, nas tragédias clássicas e de um modo geral nas versões mais conhecidas do célebre mito, **pela viúva de Lalo**). Temos aqui implícito o que explicitaram os contos gregos modernos⁵ nos quais “Oedipe épouse la Sphynx qui, à vrai dire, ne fait plus qu'un seul personnage avec Jocaste”.

Importa refletir também sobre o tema do enigma tal como Pausânias o apresenta. Neste seu relato, o enigma se conforma a um oráculo, cuja revelação (feita a Édipo num sonho) facultava o único meio de o resolver: no oráculo cifra-se a questão, que pelo mesmo se decifra. Nele se reúnem pergunta e resposta... cuja adequação é dada graças ao favor do ensinamento divino.

É evidente a pertinência do recurso à representação do **symbolon** para assinalar a configuração do enigma: quando Édipo manifesta conhecer a resposta, é evidente que tem reconhecida a legitimidade de sua pretensão, **de sua condição...** como quem exhibe a metade adequada de um penhor simbólico. Se os irmãos de Édipo falham, e que não foram favorecidos de outra maneira com o conhecimento do oráculo, como o foi a própria Esfinge, por exemplo, graças à preferência paterna; de resto, os irmãos de Édipo são ilegítimos... sua pretensão está fundada **apenas pela metade; metade lhes falta** para que sua ascendência os recomende ao trono. Se a Esfinge os supera, é através de um logro que lhe permite instável, incerta ultrapassagem de sua condição.

Neste ponto é preciso que abandonemos a conjectura de Carl Roberto, que todavia se aproxima do acerto... A Esfinge não tem o governo de Tebas, embora seja possível dizer que ela o detém, isto é, tanto o envolve quanto o impede. Ela o envolve de tal modo que não há como o alcançar sem confrontá-la; e tanto o impede privando outros de assumi-lo quanto promovendo

seu contrário, isto é, promovendo um desgoverno: afinal ela se dedica à pirataria e ao banditismo. O domínio negativo que ela exerce sobre a realeza de Tebas ela ainda carece de o por à prova, repetindo o enigma-desafio até que é vencida pelo descendente legítimo de Laio e Epicasta, o qual por um e por outro lado, pela parte do pai e pela parte da mãe, tem o direito que o oráculo lhe assegura. Seu direito repousa no reconhecimento da dupla ascendência que o casamento (**symbolé**) dos pais lhe garante: **a união adequada** de masculino e feminino oferece a Édipo o necessário respaldo para que assuma o controle da sociedade.

Por certo, não será necessário lembrar aos leitores o grande número de **Märchen** em que uma princesa um desafio e, vencedora, liquida os pretendentes, mas vencida, dá-se como esposa ao vitorioso, que assim leva ao trono. Vem a propósito lembrar, porém, que o citado Bernhardt Schmidt, no seu trabalho de recolha de contos da Grécia contemporânea, obteve, segundo afirma, versões em que Édipo se casa com uma irmã⁶. Talvez não devamos atribuir a um descuido de Pausânias — um mitógrafo de grande sensibilidade — o fato de que na narrativa em exame não é mencionada a morte da Esfinge às mãos de Édipo... De fato, Pausânias limita-se a dizer que Édipo submeteu a Esfinge, o que já aproxima dos contos gregos modernos a sua narrativa. Segundo acreditamos, esta ilustra uma "variante feliz" do mito famoso... uma variante em que Édipo está mais para Telêmaco do que para Teléono.

Expliquemo-nos com Propp:⁷ lembra este que Odisseu de acordo com a lenda, teve dois filhos: Teléono (o "nascido longe"), de Circe, e Telêmaco, de Penélope. Odisseu mantém apartado de si Telêmaco, receoso do oráculo segundo o qual seria morto pelo filho; mas é o desconhecido Teléono quem acaba por matá-lo. Teléono é um filho ilegítimo... mas Telêmaco é o filho do casamento de Odisseu e Penélope, "um casamento a dois, de modelo novo", como o exprime o sábio russo.

A versão de Pausânias da história de Édipo também merece destaque, a nosso ver, por um outro aspecto: ela nos apresenta o tema do fratricídio não como consequência, mas como um episódio anterior ao ingresso de Édipo em Tebas, e que alcança sua geração. (Na legenda tebana, a primeira exposição desse tema corresponde ao episódio da luta dos **Spártol**, na gesta de Cadmo...). Nas versões mais conhecidas da história de Édipo,

Universitas. Cultura. Salvador (37): 53-62, jul./ set. 1986

este aparece até como causador de fratricídio, quando amaldiçoa Etéocles e Polínice. Mas aqui ele aparentemente faz cessar o fratricídio,... se, segundo cremos, ao contrário do que supõe M. Delcourt, Édipo não mata a Esfinge nesta versão. Nisto estamos de acordo com Pausânias, diga-se em nosso favor...

NOTAS

1 Seguindo a convenção tradicional e universalmente aceita, quase sempre indicamos aqui as fontes clássicas, por meio de abreviaturas dos nomes dos autores e, quando necessário, dos títulos em latim. Assim também são indicadas as secções das obras (como de praxe, a numeração é a estabelecida pelos primeiros editores), as glossas, etc. Por exemplo, a abreviatura **Sch.** corresponde a **schollum**, "escólio"; **Arg.** equivale a **Argumentum** (sumário de uma peça, no caso); **Byz.** quer dizer **Byzantinum** (bizantino); donde **Arg. Byz. Sept.** refere-se ao famoso sumário feito por um filólogo bizantino (desconhecido) da peça de Ésquilo "Os Sete Contra Tebas". Abaixo listamos e aclaramos as abreviaturas aqui empregadas de autores e obras citadas:

Apoll. — Apollodorus — Apolodoro

Diod. — Diodorus (Siculus) — Diodoro da Sicília

Hyg — Hyginua — Higino

Fab. — **Fabulae** — "Fábulas"

Oed. Rex — **Oedipus Rex** "Rei Édipo"

Phoen. — **Phoeniciae** — "As Fenícias"

Sept.-Septem in Thebas — "Os Sete contra Tebas".

2 Cf. Delcourt, p. 130, nota 2

3 Ibid., p. 123

4 Lévi - Strauss, p. 31

5 Cf. Schmidt, 1877 apud Delcourt, op cit., p. 131, inclusive nota 3

6 Cf. Propp, p. 161

7 Ibid, p. 145

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEL COURT, Marie. *Oedípe ou la légende du Conquérant*. Paris, Les Belles Lettres, 1981.

Universitas. Cultura. Salvador (37): 53-62, jul/ set. 1986

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.

PROPP, Vladimir. **Édipo à luz do folclore**. Lisboa, Vega, s.d.

ROBERT, Carl. **O edipus, Geschichte eines poetischen Stoffes im griechischen Altertum**. Berlin, Weidmann, 1915.

SUMMARY

The author examines the report of the Oedipus-story by Pausanias (IX. 26, 2-3) and maintains that though this version of the celebrated myth is generally disdained by the interpreters it is a very rich one and deserves careful attention. He proceeds then to demonstrate how it may be structurally connected with the most known versions of the same myth (the tragic ones) and simultaneously related to the modern Greek folk stories about Oedipus collected by Bernhart Schmidt. Finally the author endeavours to show the symbolic correspondence of mythic elements which occur in different versions of the story and stresses the importance of acknowledging this correspondence in order to interpret the Oedipus myth.